

Estilo/Mostra

Lothar Charoux: a minimal-art no Jundiaí Convida.

"Dizem que geometria é um negócio frio. Pois eu fervo quando traço uma linha. Quando consigo fazer uma obra com um traço só, fiquei literalmente alucinado". Artista polímico, sem nunca ter feito o mínimo esforço para ser reconhecido, Lothar Charoux descreve sua carreira nas artes plásticas: "Comecei pelo figurativo, como todos os pintores daquela época. Depois, fiz tentativas nas áreas do expressionismo, do impressionismo, do cubismo, do abstracionismo, até chegar ao abstrato geométrico, ao concretismo, à op-art e, finalmente à minimal-art, isto é, simples traços".

Tendo trabalhado dentro de um campo deliberadamente reduzido, ele conseguiu, entretanto, desenvolver os riscos de seu desenho, renovando-o mediante pequenas alterações de ritmo, que vão produzir um espetáculo visual sempre inesperado de cada vez, ele é o mesmo e é outro. Os fiapos de cor, de espessura leve e estudadamente irregular, vibram como notas de música, ecoam diante dos olhos de um modo que parece que se está ouvindo os seus sons.

Houve, também, várias experiências com quadros inclinados. Com isso, Charoux quis provar que não é só na posição convencional que um quadro pode oferecer o máximo de equilíbrio. Sua pesquisa geométrica manteve-se coerentemente no limitar do óptico, destacando-se pelo

despojamento e nível técnico de um desenho de natureza quase mecânica, tamanha a perfeição de acabamento de suas estruturas e linhas. A composição, abertura, progressão, paralelismo e alinhamento destas linhas alcançaram em Lothar Charoux uma intensa criação de formas e espaços resultantes de equações gráficas da mais alta originalidade.

Mas quem foi Lothar Charoux? Nascido em Viena, em 1912, aos 16 anos veio para o Brasil, com a família, fixando-se em São Paulo. Sem ter uma profissão definida, ele foi garçon, vendedor, empregado temporário e auxiliar de escritório por muitos anos. Mas desde Viena interessava-se pelas artes visuais.

Com vinte e poucos anos, entrou para o Liceu de Artes Plásticas e, nos fins da década de 40, apresentou uma obra em que se misturavam a figura e a abstração, resistia ao descrédito. Já em meados de 50, com a primeira fase voga do concretismo, a pintura agora absolutamente geométrica de Charoux foi logo respaldada pelo movimento, ao mesmo tempo em que surgiram os primeiros sinais de reconhecimento da crítica e do público.

E, entre muitas exposições em toda sua vida, Charoux alcançou uma posição de destaque no mundo das artes e o valor de suas obras é alto no mercado. Charoux faleceu em fevereiro deste ano.

Charoux reconhecia, entretanto, que, à primeira vista, sua obra é difícil de ser aceita e compreendida. "Eu me propus a realizar um tipo de criatividade e dele nunca me afastei. Aos poucos, acho que estou impondo o que faço. O

caminho é árduo, mas isso não me assusta nem me deixa desanimado. Procuo depurar cada vez mais as linhas e formas", declarou em 84.

As obras de Lothar Charoux estarão de 8 a 27 de setembro expostas no Solar do Barão, no Programa Jundiaí Convida, com abertura às 20h30 do dia 8.



Estilo/Inauguração

Maderoa: inaugura sua décima loja.

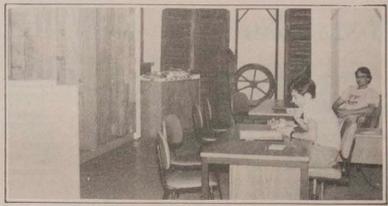
A Maderoa, maior rede de comércio de madeiras da região, inaugurou, no último dia 1.º, sua 10.ª loja. Situada na Avenida Jundiaí, 734, numa área de 1300 m², esse novo ponto de venda, devidamente planejado, oferece o máximo em comodidade a seus clientes e amigos.

A preocupação com o visual, com o estacionamento fácil e a tranquilidade dos clientes foi a principal característica dada a essa nova loja. Como dizem os diretores da Maderoa, Nino e José Carlos, "a loja da avenida Jundiaí vem coroar o êxito alcançado pela nossa empresa nesses últimos anos de maneira gratificante, pois é o nosso cartão de visita".

A filosofia de lucro baixo e atendimento imediato são os fatores que mais influíram para o sucesso da empresa. Hoje, quando o cliente procura o melhor e mais barato, sem dúvida está cumprindo um ritual que os novos tempos exigem. Como nós sabemos, para construir ou reformar, é necessário um planejamento bem feito e só mesmo procurando os melhores fornecedores.

A Maderoa, como é o maior comerciante de madeiras, tem a melhor condição de compra, com isso consegue repassar ao cliente suas mercadorias também em melhores condições.

Atualmente, a Maderoa atua através de suas 10 lojas num raio de mais de 500 km, atendendo a uma região em franca expansão, talvez a mais próspera do Brasil e movimentada milhares de metros



cúbicos de madeira, quer na construção civil ou para uso industrial. A empresa teve um vertiginoso crescimento nos últimos anos, conseguindo com isso ampliar sua rede de lojas de 6 para 10. Toda empresa que comercializa tem também que se preocupar com o objetivo social, ou seja, dar emprego a centenas de pessoas. A Maderoa, hoje com mais de 200 funcionários, procura integrá-los na empresa e na conscientização do bom atendimento e na eficiência no manejo da mercadoria.

Com uma frota composta de mais de 30 veículos, atuando junto às filiais, distribui a mercadoria nos mais diversos municípios.

Atender bem e rápido é a tônica e o objetivo da Diretoria da Maderoa, que conta com a supervisão de Paulo Barcala e Ricardo Careta, os dois com vasta experiência gerencial, transmitem a seus subordina-

dos os conhecimentos visando um aperfeiçoamento social junto a seus clientes.

A distribuição das lojas, matriz em Várzea Paulista e filiais em Jundiaí (3 lojas), Ponte de São João, Vila Arens e agora também em Arhangabau), Franco da Rocha, Perus, Itu, Vainhios e Americana, possibilita um atendimento rápido, pois, se no momento da compra o cliente não encontra na loja a mercadoria desejada, automaticamente o estoque da loja mais próxima é acionado. Com isso, o cliente sai satisfeito.

Outra preocupação dos diretores da Maderoa, Nino e José Carlos, é com a integração da empresa à comunidade. Toda vez que há um acontecimento marcante, cultural, social, desportivo, filantrópico ou de interesse popular, participam de maneira ativa, pois sabem que a responsabilidade perante a comunidade assim o exige.

Estilo/Mulher

Menor: profeta da injustiça da sociedade.

Menor Empobrecido, Abandonado e Infrator, o nosso tema de reflexão no III Encontro de Agentes Culturais realizado de 11 a 13 de agosto, numa promoção da Prefeitura Municipal e Pastoral do Menor, com apoio da Secretaria de Atividades Sócio-Culturais do MNC.

Menor empobrecido, abandonado e infrator, menor jogado na rua sendo o termômetro da sociedade, denunciando uma grave inflamação.

E como afirmou um dos debatedores do Encontro: "Os meninos de rua são fumaca que denuncia fogo. Que fazemos?"

Tentamos apagar o fogo, aspirar a fumaca e fugir. A lógica do lucro a qualquer preço, privilégio do capital e esquece o trabalhador, arranca pessoas de suas terras e as atira na cidade grande, explorando-as, pagando quase nada pela força de seu trabalho, faz o latifundiário engolir os trabalhadores rurais, coloca milhões de cinco anos como "mãezinha" de seus irmãos, que condena o menor sem o direito de defesa, dá valor, também através

dos meios de comunicação, aos que se vestem bem, cria o delinquente, critica e interna; proíbe saber, porque quem sabe manda; impede o brincar; não aceita o marginal que não se coloca na situação de escravo e tira as máscaras de senhores; faz com que muitos vivam do lixo dos poucos que se encontram no topo da pirâmide.

Menino, "Profeta da Injustiça da Sociedade", sujo, descalço, roupas rasgadas, buscando migalhas...

Menino analfabeto, cursando a escola da vida, onde a violência fala mais alto, destinado à ignorância para não questionar os que estão no poder.

Menino doente, subnutrido, com fome, sem vacina, carregando cestas de frutas na feira e voltando para recolher as apodrecidas.

Menino sereno, dormindo no frio da madrugada, aquecido apenas pela caixa de papelão que embaixa, com cortinado de liúso, os seus olhos adormecidos.

Menino confuso, não sabendo se na mulher que se agiganta e atafa

sua cabeça encontrará a mãe ou a amante...

Menino objeto de tantas filantropias, sujeito apenas na acusação da delinqüência, quando não se comporta com os padrões que lhe são negados.

"O corpo do pobre é um documento histórico, não necessitando de caneta e papel".

O Brasil está, portanto, organizando um grande arquivo com seus 35 milhões de meninos empobrecidos e onde haverá, por certo, um destaque para o Pixote que integram ao "fogo", passivamente, a fim de responder aos anseios da renascença, até quando se tornou ameaça de "incêndio" e assopraram a "fumaca" colocando-o como manchete póstuma.

Descanse em paz, Pixote, e do infinito ilumine a nossa mente e o nosso coração para não continuarmos usando os "dixotes" da vida.

MARIA CRISTINA CASTILHO DE ANDRADE
Coordenadora de Cultura e Turismo

TUDO EM ATÉ 10 PAGAMENTOS

Toc Toc II

Hua Cie. Leste Fone: 170-434.8300

Flora Brasília
Miguel A. Castarde & Cia. Ltda.

Vasos e plantas ornamentais, bustos, fruteiras, paisagismo, jardim, restaurante.

Rodovia D. Gabriel P. Bueno Couto, km 79 (antiga Mal. Rondon).
Tels.: 406-7340 e 406-7599

Red. Caraguá - Ubatuba, km 66,200

EM QUALQUER SITUAÇÃO

FALE HILL'S

N2PNT N2PWRKI

2P1N NONT NON!

2STN KUNO

INGLÊS, FRANCÊS E ALEMÃO

hills
LÍNGUAS CENTER

Rhapsody SCOPE

PARA ANUNCIAR AQUI LIGUE PARA PILLE OU THÉO CONCEIÇÃO NO FONE: 434-6022

Estilo/Anarquia

Após um conjunto de seis aulas especialmente chatas, qual não foi minha surpresa ao chegar em casa e ver, no muro, escritas em três cores diferentes de giz, as seguintes palavras: "Zé, te adoro, Ana".

Embainho, três corações, um de cada cor. Pungente. Me apegro a explicar que não conheço nenhum Zé que esteja, ou tenha estado, na mira de alguma Ana, ou o contrário. O que me tocou realmente foi a espontaneidade e o colorido da declaração. Aquilo me deixou feliz pelo resto do dia. E, como todo bom cronista, não me contive e comecei a tecer suposições sobre aquele casal que, inadvertidamente, compartilhava parte de sua privacidade com o muro de minha casa. Onde teriam se conhecido? Num festa? Num restaurante? Num bar? Teria sido amor à primeira vista? Ana era correspondida ou sofria as amarguras de um amor solitário? Como teria sido o primeiro beijo: roubado, forçado ou

longamente planejado? Aiáís, houve realmente um primeiro beijo.

Tais eram as dúvidas que me atormentaram por pouco menos de duas semanas. Durante esse intervalo de tempo, houve dias em que fiquei mais de meia hora, que nem bobo, olhando para o muro pichado a giz, (não seria "gizado"?), tentando adivinhar, pela caligrafia, que tipo de pessoa poderia ter sido a autora daquela simpática mensagem. Tímida não era, com certeza. As cores escolhidas eram espalhatosas, e ademais o recado trazia assinatura. Bem, talvez a assinatura fosse apenas um pseudônimo, afinal, existam tantas Anas por aí... eu, que não conheço quase ninguém, sei capaz de citar, assim, de memória, umas sete ou oito. Sim, talvez o Ana fosse um pseudônimo, o destinatário teria dificuldades mensais em reconhecer-se como tal. Positivamente, Ana é o verdadeiro nome. Mas, e se...

Agora, no CREDI-NINO, o mais moderno Departamento de Malas e Bolsas da cidade. Uma completa linha de malas de viagem, bolsas femininas, masculinas e infantis, e pastas.

Giz

Minhas conjecturas terminaram de forma brusca. Foi numa quarta-feira, lembro-me bem, uma gisolarada quarta-feira. Foi numa ensolarada quarta-feira, que, após um conjunto de seis aulas especialmente mactantes, vi no muro: "Zé, te adoro, Ana".

"Zé, te adoro, Ana" tinha sido cruelmente riscado, riscado com violência e com um giz amarelo-dersa. Minha fé na raça humana sofreu, naquele momento, seu mais sério abalo.

Perdi noites de sono imaginando o que é que poderia ter acontecido. Pela minha mente passaram as mais estapafúrdias cenas de ciúme, as maiores vilanias sentimentais, e a imaginação já derivava para o assassinato quando recuperei o controle de mim mesmo.

Na manhã seguinte acordei com oibeiras profundas. Foi bem difícil fazer com que o estômago aceitasse o leite. Até meu sistema gastro-intestinal se revoltava ante tamanha injustiça.

Por que teriam brigado, Deus do céu! Qual seria a razão? Outra? Outra? Briga com os pais, o quê? Imaginei a cena todinha: é noite. Eles maltraram de se encontrar numa gisolarada. Ela espera, espera, ele não vem. Ana cansa-se de esperar. Vai ao banheiro, pede pra usar o telefone. Liga na casa dele e quem atende, ela reconhece a voz. Ana reconhece a voz, (fundo musical) a voz de sua melhor amiga!

Ana discou errado. Mas não sabe disso. Um amor destruído por um simples mal-entendido por ou uma linha cruzada.

Passé dias cinzentos, melancólicos. A chuva foi, pouco a pouco, desgastando a mensagem do muro. O tempo fez o mesmo em relação à minha memória. Até que...

A mensagem voltou! Renovada nos mesmos termos da nota original, com as mesmas cores, apenas acrescida de um efusivo "me perdoo"? e embaixo dos corações: "Que felicidade!"

Gaulos

MÓVEIS E ELETRODOMÉSTICOS

CREDI NINO

RUA DO ROSÁRIO Nº 397 Jundiaí